

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

# Vem Maria, Vem Maria!

Estudo sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário  
no distrito de São José do Triunfo

ELIZA CAMPOS MOURA

# Vem Maria, Vem Maria!

Estudo sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário  
no distrito de São José do Triunfo

Bacharelanda: Eliza C. Moura

Orientador: Prof. Marcelo José Oliveira

Viçosa  
2017

Monografia apresentada como requisito a conclusão do curso de Bacharel em Ciências  
Sociais pela Universidade Federal de Viçosa

BANCA EXAMINADORA:

---

Professor Marcelo José Oliveira (orientador) - DCS

---

Professora Maria de Fátima Lopes - DCS

---

Professor Douglas Mansur da Silva - DCS

A minha família que sempre apoiou minhas decisões  
e contribuiu para que esta realização  
que um dia foi um sonho  
se tornasse possível.

## AGRADECIMENTOS

Não posso agradecer sem começar por minha família, pois ela foi a principal força e o principal apoio para a realização dessa graduação.

Agradeço a cidade de Viçosa, por tantos aprendizados, para além do acadêmico, numa vivência que me ensinou demais. Saio daqui uma pessoa muito melhor do que quando entrei. Agradeço ao Estado de Minas Gerais, esse lugar maravilhoso, aconchegante e com pessoas ótimas.

Agradeço as amizades feitas em Viçosa, e em João Pessoa durante a mobilidade acadêmica. Vocês tornaram tudo menos difícil, mais divertido e prazeroso.

Agradeço imensamente ao distrito de São José do Triunfo, as pessoas que sempre me receberam de braços abertos e me trataram muito bem, e a Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Banda de Congado São José do Triunfo. Graças a vocês esta monografia foi muito mais prazerosa.

E agradeço também a Danusi que me ajudou desde o começo, me apresentando pessoas e refletindo sobre várias questões. A Nicilene que esteve sempre disposta a me ajudar e me receber da melhor forma possível. A dona Regina e seu Dola, que sempre me receberam muito bem e sempre muito cuidadosos. A Nicolay, amiga sempre disponível a ouvir os desabafos e ajudar no longo processo. E a Paula, que me incentivou muito durante esse processo, me alimentava quando eu não tinha tempo para preparar a comida e me apresentou chás que ajudaram muito.

A todas e todos sou muito grata!

## SUMÁRIO

<b>Lista de Ilustração</b>	7
<b>Lista de Tabela</b>	8
<b>Resumo</b>	9
<b>Resumen</b>	9
<b>1. Introdução</b>	11
<b>2. “Ô Junta Povo Vem Ver, Essa Banda de Congo Bater”</b>	17
2.1. Preparando o grande ritual: Reuniões e Ensaios	19
2.2. A Novena	22
2.3. A Festa vai Começar	24
2.4. Alvorada	27
2.5. É dia de Festa	28
<b>3. Da Prática a Teoria</b>	31
3.1. A Casa, a Rua e a Igreja	32
3.2. Casa e rua, privado e público	34
3.3. Em Família	36
3.4. Comensalidade	37
<b>4. Conclusão</b>	38
<b>Referência Bibliográfica</b>	40
<b>Glossário</b>	44

## **LISTA DE ILUSTRAÇÃO**

- 1** - Igreja Nossa Senhora do Rosário
- 2 e 3** - Dia da Reunião com Ensaio
- 4** – Configuração Espacial da Banda
- 5** - Capela onde foi rezado o terço no domingo de novena
- 6** - Boas Vindas!
- 7** - Cartaz de Divulgação
- 8 e 9** - Erguimento do Mastro
- 10 e 11** - Vestimenta da Banda
- 12 e 13** - Mulheres na cozinha

## **LISTA DE TABELA**

**Tabela 1** - Quadro de publicações utilizadas.



## Resumo

Com a chegada dos/as europeus/europeias e os/as africanos/as ao Brasil durante a colonização, chegaram também elementos de suas culturas que aqui dão base ao que se define hoje como cultura afro-brasileira. Dentre as manifestações culturais que compõem o elemento genuinamente brasileiro, pelo que sintetiza em termos da combinação da cultura negra africana e branca européia, temos o Congado. A Zona da Mata Mineira é uma região onde a cultura do Congado, manifestação religiosa cristã combinada com importante expressão da cultura negra, faz-se muito presente, e constitui um legado deixado por escravizados/as que viveram na região. O presente trabalho propôs-se a entender o papel e as funções das mulheres na Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Congado São José do Triunfo. Como metodologia, adotamos a técnica da observação participante e entrevistas de roteiro semi-aberto. Os dados foram analisados com base em literatura especializada, com foco na interpretação das falas dos atores sociais diretamente ligados à Irmandade e seu envolvimento na organização das festividades e cerimônias. Buscamos compreender a pluralidade e a diversidade de Congados na região, com foco na entidade acima mencionada, levando em consideração, pela literatura, algumas nuances de outros grupos de Congado, mais abertos a mudanças e participação de mulheres em atribuições que tradicionalmente é reservada aos homens.

## Resumen

Con la llegada de los/las europeos/europeas y los/las africanos/africanas a Brasil durante la colonización, llegaron también elementos de sus culturas que aquí dan base a lo que se define hoy como cultura afro-brasileña. Entre las manifestaciones culturales que componen rasgo genuinamente brasileño por lo que sintetiza en términos de la combinación de la cultura negra africana y blanca europea, tenemos el Congado. La Zona de Mata Minera es una región en la que la cultura del Congado, manifestación religiosa cristiana combinada con una importante expresión de la cultura negra, se hace muy presente, herencia dejada por esclavizados/as que vivieron en la región. El presente trabajo se propuso entender el papel y las funciones de las mujeres en la Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Congado São José do Triunfo. Como metodología adoptamos la técnica de la

observación participante y entrevistas de gui3n semi abierto. Los datos fueron analizados con base en literatura especializada, con foco en la interpretaci3n de las palabras de los actores sociales directamente ligados a la Hermandad y su participaci3n en la organizaci3n de las festividades y ceremonias. Buscamos comprender la pluralidad y la diversidad de Congados en la regi3n, con foco en la entidad arriba mencionada, teniendo en cuenta, por la literatura, algunos matices de otros grupos de Congado, m3s abiertos a cambios y participaci3n de mujeres en atribuciones que tradicionalmente se reservan a los hombres.

## 1. Introdução

Com a chegada dos europeus ao Brasil, no século XVI, o continente sul-americano passou por um processo de colonização intenso, o qual deixou a escravidão dos grupos africanos e indígenas como uma das marcas dramáticas da consolidação disto que hoje denominamos de “nação brasileira”, no território dominado pelos portugueses. No contexto desta imposição de conquista, há encontro de diferentes visões de mundo: pessoas e grupos chegaram nestas terras cada qual trazendo seus conhecimentos, costumes e religião de origem, visto que eram de diferentes locais da África, de diferentes contextos e interesses português, e deparando-se com diferentes etnias indígenas, que aqui já habitavam. Os africanos, neste momento, sofreram fortes repressões por parte dos senhores de engenho e da política imperial e foram impedidos de manifestar suas formas religiosas e costumes, pois se receava que formas de organização social e cultural que levassem ao enfrentamento do poder português local surgissem. Esta preocupação da corôa portuguesa intensifica-se séculos adiante. Entretanto, havia manifestações culturais que ainda resistiam, sendo a dança do congo uma delas, como nos mostra Bastide:

Por exemplo, no século XVIII, em São Paulo, em honra ao nascimento da princesa, os carpinteiros fazem a contradança, os sapateiros a dança dos Espíritos, os marceneiros constroem um grande barco de madeira do qual formarão a tripulação, os alfaiates constroem também um carro, os ferreiros e os seleiros se mascaram... Mas, parece que, mesmo nessas festas, a raça se separa do ofício; os mestiços seguem sem dúvida os padrões brancos, mas à parte. Por exemplo, os taberneiros fizeram também um carro e este era seguido pelos Caianos e pelos crioulos, dançando a dança do Congo. Dessa maneira, o ofício não chega a aproximar as côres numa verdadeira comunhão religiosa. (1971 [1960] p. 164)

Percebe-se que o Congado é uma manifestação de resistência cultural e religiosa secular. No século XVIII, o Brasil ainda vivia a escravidão, a qual teve fim somente no final do século XIX. Dito isso, uma manifestação de origem africana que sai às ruas desfilando seus reis em plena época de escravidão é um grande ato de resistência da população negra brasileira, o qual, inclusive, organizava-se em confrarias:

Essas confrarias serviram, não obstante sua pobreza, de ponto de concentração de reivindicações sociais. Elas se reuniam, na realidade,

em torno de um santo de côr, e na dedicação dos fiéis a esse santo havia mais que uma ligação mística, o sentimento de uma espécie de afinada de étnica. Foi o que um negro exprimiu admiravelmente um dia a Kidder e a Flechter vendo passar uma procissão: “Lá vem meu parente...”. O parentesco leva vantagem sobre o caráter religioso, desespiritualizando o santo, humanizando-o, tornando-o parecido sob todos os pontos com seus irmãos da terra (BASTIDE, 1971[1960]. p. 166).

As confrarias fizeram-se muito presentes na região de Minas Gerais. Até hoje, a Zona da Mata Mineira é uma região com uma presença de Congado bem expressiva; existe um circuito da Festa de Nossa Senhora do Rosário, no qual alguns Congados tentam articular-se para que, em cada fim de semana, aconteça a festa em uma cidade ou distrito diferente, mas ainda assim é difícil conciliar, havendo locais cujas datas da festa coincidem. Vale ressaltar que, mesmo tendo vários grupos organizados de Congado, de serem próximos territorialmente e praticarem mesmo mote ritual e festivo, há também diferenças entre eles: há Congados em que só homens participam da banda, Congados em que mulheres participam, Congados que conseguem arrecadar muito dinheiro para a realização da festa, outros que não, Congados em que a cor uniforme é padronizada, outros não; ou seja, cada um com suas peculiaridades. Na cidade de Viçosa, a festa à Nossa Senhora do Rosário acontece no distrito de São José do Triunfo, no terceiro fim de semana de outubro. Contam que, antes, a festa ocorria no centro da cidade. Entretanto, com a chegada da Universidade Federal, deu-se início também a um processo de urbanização, retirando as manifestações populares do centro urbano.

Dessa maneira, ao caracterizar o congado de São José do Triunfo podemos apontar que este realiza atualmente seus festejos numa área considerada periférica, em termos localizacionais, na cidade de Viçosa. As manifestações deste grupo constituíram seus primeiros festejos na área central da cidade nas décadas iniciais do século XX, mas ao ter sido negada pelo poder religioso e público local este lugar privilegiado de manifestação sociocultural, o grupo foi paulatinamente sendo empurrado para as bordas da cidade, tendo os seus aspectos simbólicos expurgados da área central. Igrejas do Rosário foram derrubadas e objetos relacionados à festa foram paulatinamente sendo dispersos por vários cantos da cidade. (SOUSA, 2011, p. 225)

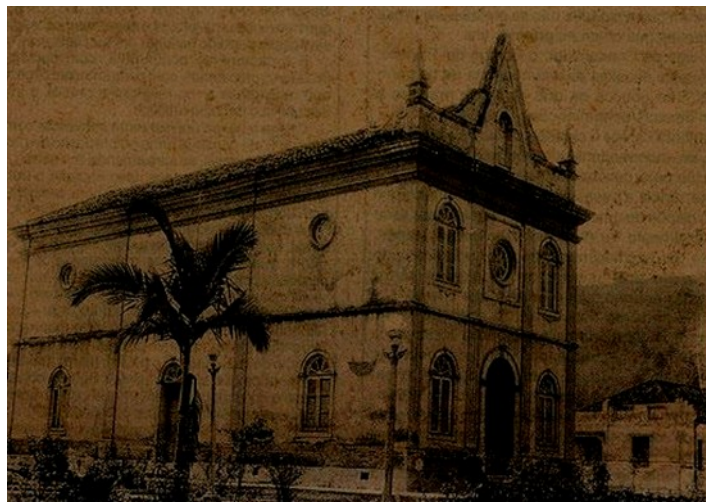
São José do Triunfo é um distrito da cidade de Viçosa, Minas Gerais, localizado a oito quilômetros da mesma, conhecido popularmente por Fundão. É dito que este local era

uma rota de fuga dos escravizados na época da escravidão brasileira, onde há uma gruta também chamada de Fundão, que na época servia de refúgio (SOUSA, 2011. p. 219). Sendo assim, a população de São José do Triunfo é uma população com uma identidade negra muito presente, ou, como afirmam as pessoas da Irmandade, afrodescendentes.

Nesse sentido, é necessário apontar que São José do Triunfo se configura como um dos quatro distritos que conformam a cidade de Viçosa. Essa cidade, por sua vez, se constitui em um dos 142 municípios que compõe a Zona da Mata mineira, mesorregião situada no sudoeste do estado de Minas Gerais. A respeito da Zona da Mata mineira, Lamas et al. (2003) informam que esta mesorregião ocupou significativa importância na história do Brasil por ter se configurado como uma área que provia grande parte dos suprimentos demandados pela região mineradora de Minas Gerais no auge do Brasil colonial. Sua formação geográfica é, pois, em parte, fruto desta relação com as áreas auríferas de Ouro Preto e Mariana. Com a decadência das minas de ouro na metade do século XVIII, efetivou-se na região a formação de fazendas com a base econômica orientada para a pecuária e as lavouras de café perpetuaram a condição escrava dos afrodescendentes. (SOUSA, 2011. p. 218)

Há, em São José do Triunfo, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário Banda de Congado de São José do Triunfo, que celebram duas datas, fazendo festas muito importantes para o distrito: a festa do Doze para o Treze de Maio e a de Nossa Senhora do Rosário. A primeira comemora o fim da escravidão no Brasil, na qual celebram a Princesa Isabel, signatária da Lei Áurea. Nesta mesma festa, é também comemorado o dia de São Benedito e Santa Efigênia, ambos santos negros. Os festejos iniciam na noite do dia doze e terminam nas primeiras horas do dia treze. A segunda festa, a de Nossa Senhora do Rosário, é comemorada no terceiro fim de semana de outubro, tem início no sábado à noite e termina no domingo à noite. A organização ritual das comemorações iniciam nove dias antes da festa, uma novena que se encerra no sábado, dando início à festa de Nossa Senhora do Rosário. Ela é celebrada no distrito desde 1930, no entanto, anos antes já acontecia na cidade de Viçosa na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que foi demolida.

**Figura 1** – Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: Site – o passado compassado de vicosa

Decidido o tema do presente trabalho, o de entender o lugar e o papel das mulheres no Congado de São José do Triunfo, dividimos a pesquisa em duas etapas: a primeira envolve o levantamento dos dados bibliográficos e documentais; a segunda foi realizada por entrevistas, com três mulheres e um homem, escolhidas/o por suas representações na Irmandade. E também a inserção de campo, priorizando a técnica da observação participante, buscando coletar dados na interlocução com os atores sociais envolvidos com o Congado, caracterizando-se como momento de inserção etnográfica.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em site público de pesquisa, que também direcionava para o acervo físico da biblioteca da Universidade Federal de Viçosa, com o intuito de verificar o que tem sido publicado a respeito. Foi pesquisado sobre “Congado na Zona da Mata Mineira”, “Congado”, “Mulheres no Congado” e “Relação de Gênero no Congado”. Sobre “Congado na Zona da Mata Mineira” foram encontradas duas monografias do departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), uma delas de um estudante que, além de pesquisador, é membro da comunidade de São José do Triunfo. O mesmo pesquisou a configuração do espaço social durante as duas maiores celebrações do Congado: a festa de Nossa Senhora do Rosário e a Festa do Doze para o Treze de Maio. A outra monografia pesquisou a “rede cultural do congado” “em Córrego dos Barros e Airões (distritos rurais de Paula Candido), Senador Firmino, São Miguel do Anta e Monte Celeste (distrito rural de São Geraldo), todos situados em Minas Gerais” (CAETANO,2011.p. 14). Quando usadas as palavras chave “Mulheres no Congado”, localizamos outro trabalho na UFRV, dessa vez do departamento de Economia

Doméstica, de Dalva Maria Soares - *Salve Maria(s): Mulheres na Tradição do Congado em Belo Horizonte, MG* - que trata de um grupo de congado composto por mulheres e discute as relações de gênero. Além deste, foi encontrado mais um que a cita, inclusive. Trata-se de um artigo a respeito do papel das mulheres no congado, sobre uma pesquisa realizada no sul de Minas Gerais, focado nas cidades de Poços de Caldas, Alfenas e Areado; nele, põem-se em pauta os locais onde as mulheres participam da banda de Congo e as outras esferas importantes de decisão e organização das quais elas tomam parte. Também acessamos monografia e dissertação de um mesmo autor, respectivamente apresentadas no Curso de geografia da UFV e na pós-graduação na UFMG: na monografia, foi estudado o Congado de São José do Triunfo e, na dissertação, os Congados de São Benedito e São José do Triunfo, ambos em Minas Gerais. Os textos mencionados foram fundamentais na elaboração de minha monografia. Constatamos que não há muitas publicações a respeito do tema em foco, entretanto, apesar de serem poucas, as que têm, dialogam muito com a presente pesquisa, já que boa parte delas trata sobre as relações de gênero, especificamente sobre a Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Congado São José do Triunfo.

**Tabela 1** – Quadro de publicações utilizadas

<b>Autor/Autora</b>	<b>Categoria</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universidade</b>
Natal J. de Souza	Monografia	Geo – grafias no Tempo/Espaço: Uma abordagem Cultural Religiosa na Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo.	2014	Universidade Federal de Viçosa
Aderemi M. J. F. Caetano	Monografia	O congado nas Festas de Nossa Senhora do Rosário:  uma região cultural na Zona da Mata Mineira?	2011	Universidade Federal de Viçosa
Dalva Maria Soares	Dissertação	Salve Maria(s): Mulheres na Tradição do Congado em Belo Horizonte, MG.	2009	Universidade Federal de Viçosa
Marta Gouveia de	Artigo	Mulheres mestres: o papel feminino na	2016	Universidade

O. Rovai		organização religiosa e na visibilidade da comunidade congadeira no sul de Minas Gerais		Federal de Alfenas
Patrício P. A. de Sousa	Monografia	As Geo-Grafias da Memória: Gênero e Negritude na Constituição do Lugar Festivo do Congado de São José do Triunfo, Viçosa-MG.	2008	Universidade Federal de Viçosa
Patrício P. A. de Sousa	Dissertação	Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção política nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG	2011	Universidade Federal de Minas Gerais



## 2. “Ô Junta Povo Vem Ver, Essa Banda de Congo Bater”

“No tempo do cativoiro  
Quando o senhor me batia

No tempo do cativoiro  
Quando o senhor me batia

Eu gritava por Nossa Senhora, ai meu Deus  
Quando a pancada doía

Eu gritava por Nossa Senhora, ai meu Deus  
Quando a pancada doía”

(Entoada da Banda de Congo  
Irmandade Nossa Senhora do Rosário –  
Congado São José do Triunfo)

Com a chegada dos/as portugueses/as e dos/as africanos/as, chegaram também elementos de suas culturas. Por mais que houvesse tentativas, por parte dos colonizadores, de impor a sua cultura sobre a dos/as colonizados/as, esses/as encontravam formas de mantê-las, como nas confrarias, por exemplo, como apontamos anteriormente, cultura presente em Portugal e também presente em alguns países da África, como Cabo Verde. Essas se fizeram presentes no Brasil desde a época da colonização:

“Mais importante ainda que a corporação é a confraria urbana. Ocupou

ela lugar preponderante sobretudo na religião das Minas Gerais. Enquanto no Nordeste dos engenhos do século XVII a religião é uma religião doméstica, nas minas do século XVIII a religião é uma religião de confraria. Confrarias extremamente numerosas, ciumentas umas das outras, em concorrência mútua, para ver qual ornaria melhor sua capela, qual teria mais poder, qual seria a mais rica. Os homens de cor se contagiaram por esse movimento; organizaram também confrarias calcadas no modelo das dos brancos e, assim, o conflito racial vai se dissimular sob o manto da religião e a oposição étnica vai tomar aspecto de uma luta de sociedades religiosas. (BASTIDE, 1971[1960], p. 164)

Não podendo as pessoas de cor participar das confrarias das pessoas brancas, ocorreu a divisão entre as confrarias das pessoas brancas e as pessoas de cor, divisão que foi estendida às igrejas e separou-as entre as igrejas de pessoas brancas e as igrejas de pessoas negras. Nas igrejas das pessoas negras ainda havia outra divisão: as pessoas mulatas não queriam pertencer à igreja dos pretos, criando assim, a igreja dos brancos, a igreja dos pretos e a igreja dos mulatos.

Acontecia que, às vezes, se bem que erigissem em quase todos os lugares igrejas a N. S.do Rosário, a S. Benedito, a Sta. Ifigênia, a Sto. Elesbão e a outros santos de cor, as confrarias não tinham sede própria, não podiam dispor de uma igreja, seja por falta de recursos, seja porque a construção do templo não estava acabada. Nesse caso era-lhe reservada uma capela na igreja paroquial. Porém, a seleção sempre atuava, sendo a separação das capelas o símbolo da divisão dos dois catolicismos. (BASTIDE, 1971 [1960], p. 168)

As confrarias eram organizações muito importantes às pessoas negras, para além de expressar sua religião, sua cultura e identidade. Organizavam-se através das confrarias na busca de uma liberdade de uma forma mais rápida, além do exercício de certo poder, mesmo que passageiro, a certas pessoas nomeadas reis e rainhas. E foi também através da confraria que seus participantes garantiam sepulturas e enterros adequados.

O culto de Nossa Senhora do Rosário tem sido sempre, desde tempos coloniais, confiado no Brasil aos negros, escravos ou mais tarde livres, e em particular aos negros bantos. Era desta confraria religiosa, deixada como partilha exclusiva aos negros, que os reis de Congo tiravam a sanção divina de sua investidura, como na licença dada pelas autoridades brancas à sua eleição iam buscar a sanção temporal do cargo. Em todo o

caso, era por força da sua dignidade de juízes da festa de invocação do Rosário que os reis de Congo se investiam nas suas funções majestáticas e por ocasião dessas festas se elegiam e coroavam. (RODRIGUES, 1988, p. 32)

Há referência de Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila de Igarapu, em Pernambuco, datado em 1706, o que não é de se surpreender, se pensarmos que o primeiro ciclo, o da cana de açúcar, no qual era utilizada mão de obra escrava, foi realizado no nordeste. Entretanto, a cultura do Congado foi muito difundida no estado de Minas Gerais, e o papel das Confrarias tem forte influência na preservação desta tradição. Supomos, na forma de organização que ocorre ainda hoje, que o termo “irmandade” ainda é empregado.

## **2.1. Preparando o grande ritual: Reuniões e Ensaios**

Durante o ano, são realizadas reuniões com o Reinado casais, que acompanham Reis e Rainhas. O Reinado é composto por jovens do distrito e as reuniões acontecem no intuito de se organizarem para a festa, para, por exemplo, decidir as vestimentas e o cortejo de maneira geral. As reuniões também possuem caráter pedagógico, para que sejam explicados e cultivados os valores relacionados à Irmandade, assim como a importância de comparecer em seus rituais e o zelo moral na relação de identificação com as pessoas que fazem parte da Irmandade.

Elza, que é uma pessoa muito ativa na Irmandade, é a responsável por fazer as reuniões e resolver o que for preciso para o Reinado, para o que recebe a ajuda de Nina. As mulheres assumem a responsabilidade de organizar e formar os jovens para o Congado, como também de perpetuar suas histórias, ensinando-lhes sobre as tradições que situam formas de pertencimento comunitário em termos social, cultural e religioso.

No decorrer do ano, costumam acontecer dois ensaios da banda para a festa de Nossa Senhora do Rosário, e outros ensaios acontecem para outras festividades, como a festa na chácara e a festa do 12 para o 13. Contudo, neste ano de 2016, por um contratempo, o primeiro ensaio não ocorreu, e foi realizado apenas um ensaio, um mês antes da festa, na mesma ocasião da última reunião do Reinado. É costume o ensaio

ocorrer junto com as reuniões. Os ensaios-reuniões ocorrem na casa de dona Zélia e seu Marcos, que era o Capitão da Banda e veio a falecer no começo do ano de 2016. A casa é vizinha à de dona Margarida e Seu João, Rei Congo e irmão de seu Marcos. O ensaio ocorre no quintal da casa, que é amplo e de chão batido, localizado nos fundos da residência, entre uma varanda, que dá acesso a cozinha, e garagem. Na varanda, há uma placa de madeira talhada com a seguinte frase: “Casa da Vovó”.

A irmandade faz-se de componentes que, em sua maioria, são familiares entre si, estão entre irmãos, filhos, sobrinhos, netos, primos, e assim por diante. Entretanto, não é fechada à família apenas, e quem quiser participar é bem vindo, o que tem ocorrido em menor número de indivíduos.

### **Figuras 2 e 3 – Dia da Reunião com Ensaio**



Fonte: autora (2016)

A forma de reunirem-se é bem peculiar e ocorre pelas vias que reafirmam a tradição oral, priorizando o dito e não o escrito, o que comumente se faz pelas preleções, rezas coletivas, pedidos e agradecimento ritualizados às entidades do universo religioso católico.

A dança no congado também é um forte elemento nesta tradição, e acontece enquanto estão em pé, tocando e cantando. No ensaio que assisti, entre uma música e outra, seu João fazia os repasses de como estão os preparativos para a festa, enquanto as mulheres acompanharam e assistiram o ensaio. Ao final, o grupo reuniu-se para conversar, e foram elas que tomaram o papel de organizadoras, principalmente a respeito de conversar com as/os jovens do Reinado sobre a roupa e a postura necessários para o cortejo e para a participação no próprio Reinado. As mesmas também assumem a fala sobre a questão da identidade do Congado e das pessoas que o compõem, explicando sobre sua afrodescendência através das raízes que mantém com a tradição.

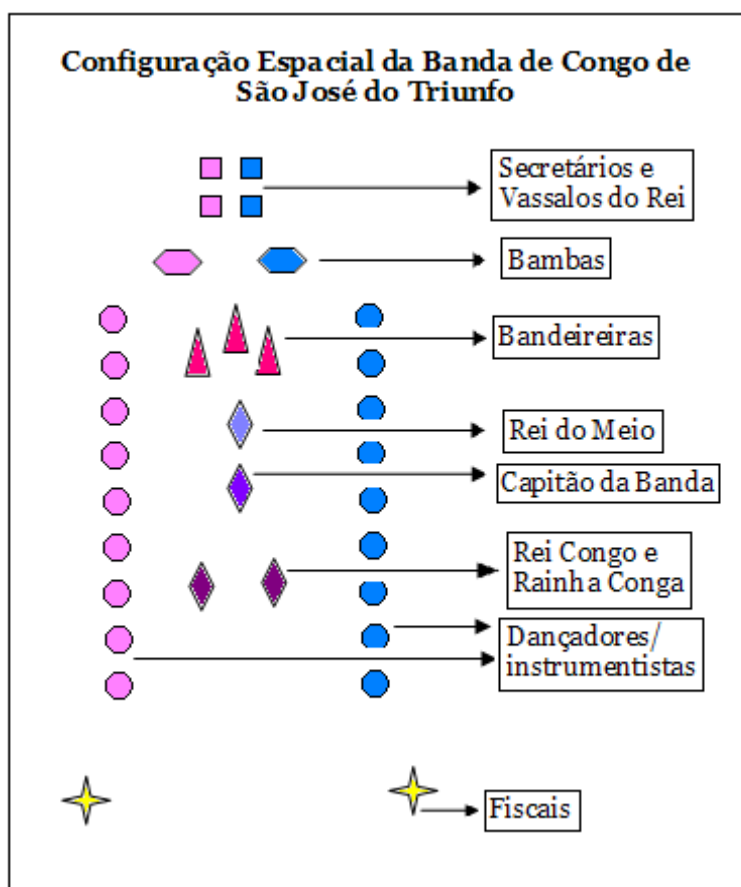
Percebe-se que, mesmo estando presente um grande número de pessoas, são poucas as que falam. Normalmente, quem participa de maneira mais ativa é seu João, que vai dando os repasses, um senhor mais velho, que também se coloca bastante, e um ou outro jovem que já participa há bastante tempo, e que se manifesta mais pontualmente sobre alguma ação de mobilização para a festa. O respeito à hierarquia é bastante evidente. As mulheres presentes ficam de espectadoras, e as responsáveis pelo Reinado colocam-se só no fim do ensaio, na hora específica de falar sobre esse. Ainda assim, há bastante intervenção dos homens nesse momento.

A indumentária utilizada nos festejos é muito importante e exige longa discussão sobre o tema, pois envolve aquelas utilizadas em esferas de atribuições na representação do Reinado, inclusive nas discussões sobre o que pode e o que não se pode usar. Por exemplo, as meninas não podem usar vestido de alcinha, e nem tomara que caia; a Guarda Bandeira também não pode usar esse tipo de vestido ou qualquer outra vestimenta que seja avaliada pelos mais velhos como “roupa muito chamativa”. A frase de ordem sobre o pudor dos trajes é: “quem tem que brilhar é Nossa Senhora, pois estão servindo a ela”. A banda também possui uniforme padrão e exige etiqueta no uso do traje: os meninos, principalmente os mais novos, devem estar com as camisas sempre abotoadas, inclusive nos pulsos, mesmo que esteja calor. A estética do uniforme é uma preocupação muito presente: é necessário estar “bem arrumado/a”.

A composição geométrico-espacial da banda obedece a seguinte formação: os mais velhos na frente, em ordem decrescente, até as crianças. Estas, algumas vezes, têm quatro ou três anos de idade e portam nas mãos instrumentos como o pandeiro ou a meia lua, utilizados comumente para inicia-las na arte da musicalidade dos festejos do Congado.

Existem ainda as caixas de percussão, o reco-reco, o chocalho e as violas. Na guarda, os mais jovens são os Bambas ou Corta Vento, que vão à frente abrindo o caminho com as espadas em mãos. O Secretário e o Vassalo também carregam a espada, com o dever específico de proteger a bandeira. O Rei do Meio é o responsável pelo apito. O Capitão da Banda é o que dá as ordens e o Rei Congo é o coordenador geral. Há também três meninas que compõem a Guarda da Bandeira: uma carrega a bandeira de Nossa Senhora ao meio, com as outras duas, uma de cada lado, responsáveis por carregar a fita da bandeira. Além delas, há mais uma presença feminina, que é a Rainha Conga. Por último, atrás dos meninos, posicionam-se três senhores: trata-se dos Fiscais, responsáveis por observar e preservar a integridade dos componentes em trajés, ritmos, posturas etc, redobrando os cuidados com os mais jovens.

**Figura 4 – Configuração Espacial da Banda**



Fonte: *Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção política nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG*

## 2.2 A Novena

Todo ano, nove dias antes da Festa de Nossa Senhora do Rosário, é realizada a Novena. A Novena é uma parte do ritual muito importante para a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário – Congado de São José do Triunfo, momento em que os/as devotos/as se reúnem para expressarem sua fé a Nossa Senhora, além de dar os “últimos” repasses para a festa que se aproxima, mobilizando a comunidade e sensibilizando-a religiosamente.

No dia sete de outubro de 2016, dia de Nossa Senhora do Rosário, teve início a Novena, momento no qual as pessoas rezam o terço à Nossa Senhora do Rosário durante nove dias seguidos. Realizada na igreja São José, na praça de São José do Triunfo quase todos os dias, exceto no domingo, onde foi realizada em uma capela construída na casa de um senhor que já foi Rei Festeiro, e desde a construção desta capela, todo ano um dia da novena é nela rezado. Na igreja à esquerda do altar, posiciona-se a banda, equipada com caixas de som e microfones. Em frente, encontra-se um telão onde são projetadas, em *Datashow*, as letras das músicas cantadas para que os/as fiéis possam acompanhar.

As mulheres assumem a frente e têm papel fundamental, pois são elas as organizadoras e protagonistas da novena: são elas que têm o microfone em mãos, por mais que, em alguns momentos, os homens também assumam a palavra, contudo, são as mulheres que fazem as leituras, puxam as rezas e dividem o microfone durante as canções.

Na sexta feira, antes de iniciar a novena, o Congado reuniu-se em frente à casa de dona Zélia e seu Marcos para um Cortejo até a Igreja. No primeiro e no último dia de novena, ocorre uma missa, como é de costume. É hábito a banda de Congo entrar e sair da Igreja cantando e tocando, o que é o ápice da manifestação. Entretanto, neste ano, isso não foi permitido pelo fato do padre substituto do dia não estar afeito a esta prática, proibindo-a; essa situação leva-nos a refletir sobre este episódio no que tange a atualidade do Congado representar um Movimento de Resistência, já que o espaço do templo católico ainda reproduz o espaço de poder branco sobre a manifestação cultural negra. Foi realizada a missa com o Congado só tocando na porta da Igreja no começo e no fim, tradicionalmente tocam na porta, entram tocando, assistem a missa, saem tocando, permanecendo vários minutos tocando à porta da igreja.

**Figura 5** – Capela onde foi rezado o terço no domingo de novena



Fonte: autora (2016)

### 2.3 A Festa vai Começar

**Figura 6** – Boas Vindas!



Fonte: autora (2016)



No sábado, dia 15 de outubro de 2016, por volta das dezenove horas, a Irmandade Nossa Senhora do Rosário Banda de Congado de São José do Triunfo reuniu-se em frente à casa de dona Zélia e seu Marcos, onde espectadores/as também se encontravam. Saíram em cortejo para buscar o mastro e a bandeira que nele é hasteada, e seguiram rumo à Igreja. Depois de benzido o mastro por um padre especialmente convidado para o evento, filho da atual Rainha Conga, ele é erguido, ao final da missa, na porta da Igreja, anunciando que a festa está chegando. Presenciei este momento, envolvendo uma cena muito peculiar do Congado de São José do Triunfo, em que só homens tocam na banda, e a participação das mulheres ocorre em outras esferas, envolvendo os bastidores da festa. Mesmo assim, pude presenciar uma senhora, que é uma das mulheres que participam ativamente na organização, num ato espontâneo, pegando o instrumento meia lua que estava ao seu lado e, por alguns segundos, tocou-o junto com a banda. Inclusive, neste momento ritual de pré-festejo, pode-se observar as mulheres preparando-se em termos de apresentação estética: é comum encontrá-las com os cabelos em processo de arrumação, enrolados com rolinhos, outras enrolados só com grampos, outras com papel alumínio nas pontas. O intuito é fazer um penteado vistoso. E parece não ter problemas estar na rua sem ter finalizado o penteado, porque o importante é estar impecável no domingo à tarde. A relação que se faz entre a rua e a casa chama a atenção nesta preocupação estética. Refletindo com DaMatta (1997) sobre as noções *Casa e Rua*, percebemos nestas mulheres como as relações de produção do corpo cabeleira confundem o privado com público. Isso se deve ao fato de que seria de se esperar que as pessoas se preparassem em casa, ou em um salão de beleza, e que saíssem à rua já “prontas”. Entretanto, neste caso, no sábado, o Congado ainda está mais entre conhecidos, entre pessoas do bairro e da vizinhança. O dia mais esperado, contudo, é o domingo, quando chegam pessoas de várias outras localidades – outras cidades e, inclusive, outros estados. A sexta e o sábado que o antecedem também servem para dar os últimos reparos, experimentar as roupas, e, se preciso, fazer ajustes. Essas são tarefas com as quais as mães, as avós, e as mulheres, de forma geral, envolvem-se: deixar as vestimentas das pessoas que vão desfilar no dia seguinte impecáveis. A banda ainda não sai uniformizada, estão apenas vestidos os casquetes. O Reinado também ainda não desfila em formação, e a juventude que dele faz parte acompanha a banda de forma descontraída.

O mastro é um símbolo que anuncia a chegada da festa, entretanto, na comunidade, dias antes, já estão circulando os cartazes com a programação da festa de São José do Triunfo e de Cachoeirinha, distrito próximo, onde o mesmo Congado realiza a festa no fim de semana seguinte ao de São José do Triunfo. Os anúncios são afixados nos pontos de ônibus, padarias, vendas e armazéns, entre outros locais. Também são feitas publicações nas redes sociais, na internet, como divulgação. No bairro, é possível ouvir comentários de que a festa se aproxima.

**Figura 7** – Cartaz de Divulgação



Fonte: autora (2016)

O erguimento do mastro com hasteamento da bandeira é um espetáculo com direito a muitos fogos. Neste ano de 2016, foi realizada a primeira festa à Nossa Senhora do Rosário após o falecimento de seu Marcos. No alto da Igreja, foi pendurada uma imagem dele junto a Virgem Maria, posicionada abaixo da cachoeira de fogos. Um vídeo em sua homenagem foi projetado para público o assistir, momento muito emocionante para a família e para o Congado, bem como para o público presente. Seu Marcos foi muito respeitado e querido por seus familiares e pela Irmandade; sua contribuição no Congado é relevante, o que fica visível até para quem não o conheceu. Isso foi relatado em todas as entrevistas realizadas, foi muito lembrado e homenageado durante a festa. Juntamente com seu irmão, era considerado uma das referências máximas na hierarquia da Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Congado São José do Triunfo, sendo lembrado com muito carinho e respeito por todas as pessoas envolvidas com o Congado.

Após o erguimento do mastro, seguiram em direção a uma casa, onde reside uma família devota a Nossa Senhora do Rosário. Esta família havia passado por um problema de saúde, e ofereceu farto lanche aos integrantes, como agradecimento por uma benção conquistada. Após lancharem, voltaram cantando, tocando e dançando.

**Figuras 8 e 9 – Erguimento do Mastro**



Fonte: autora (2016)

## 2.4 Alvorada

“Quando o galo canta  
Vamo se embora gente”

(Entoada - Irmandade Nossa Senhora do Rosário  
Congado São José do Triunfo)

A meia noite do sábado, iniciou-se o horário de verão, adiantando uma hora nos

relógios. O Congado finalizou seu percurso por volta das duas horas da manhã. Uma pausa foi feita, e às quatro voltaram à rua. Na alvorada, a banda estava em menor número de integrantes, pois muitos de seus componentes que são crianças não costumam estar presentes neste momento; dessa forma, saiu pelas ruas do distrito para anunciar que a hora estava chegando, ainda sem o uniforme, apenas com o casquete. Os Bambas, o Vassalo e o Secretário, neste momento, não estavam com as espadas em mãos, mas com bengalas, uma vez que a espada é utilizada quando se vai à Igreja. A primeira parada é feita no cruzamento onde rezam, depois, param na porta da Igreja e seguem. Passam na frente das casas das Rainhas, dos Reis, das Princesas e dos Príncipes, e anunciam que, às onze horas, estariam de volta para buscá-los/as. O cortejo é composto de duas pessoas de cada categoria, “a velha e a nova”, sendo a velha a que recebeu a coroa no ano passado e que ao final da festa vai passar para a nova. No caso da Rainha e do Rei que foram coroada/o no ano passado, estes são responsáveis pelo almoço e pelo jantar, e, no ano seguinte, pelo café da manhã.

Esse é um momento peculiar da festa, no qual as pessoas estão mais à vontade e as mulheres estão mais próximas da banda, acompanhando dançando, principalmente as jovens do Reinado. Percebe-se, então, uma maior manifestação de afeto nas relações entre as pessoas.

## 2.5 É dia de Festa

Às onze horas do domingo, no ponto de encontro de sempre, em frente à casa de dona Zélia e seu Marcos estava o Congado, dessa vez, uniformizado. De branco da cabeça aos pés: casquete, camisa de manga comprida, calça e sapatos brancos; por cima do casquete, um capacete com fitas coloridas e um saiote, metade da banda usando capacete e saiote rosa e metade azul, fazendo referência a Nossa Senhora do Rosário através de suas cores de representação: rosa e azul. As meninas da Guarda Bandeira de vestido branco e sandálias brancas, uma com faixa rosa, a outra, azul, e a que carrega a bandeira de faixa branca. Nos casais do Reinado, os meninos são vestidos com camisa branca, calça preta e sapato preto, carregando um guarda chuva preto em mãos; as meninas muito bem produzidas, lindos penteados, maquiadas e com vestidos de gala, algumas de vestido

branco, outras de rosa, azul, sem cor definida, parecendo debutantes. As Rainhas, os Reis, as Princesas e os Príncipes, muito bem vestidos também, os casais “velhos” com capa e coroa, todos trajados elegantemente em detalhes que tomam tempo à descrição. Fica explícito a preocupação com a estética da roupa, uma das primeiras coisas a chamar a atenção de quem observa. Tudo é realçado: aquele branco que até parece brilhar, de tão branco, em contraste com o rosa ou o azul, igualmente brilhantes, juntamente com as fitas coloridas e roupas bem passadas, sem qualquer amassado, impecáveis. Difícil não notar.

**Figura 10** - Vestimenta da Banda; **Figura 11** – Vestimenta do Reinado.



Fonte: autora (2016)

Há uma Orquestra que acompanha a banda do Congado e vai atrás dele durante o cortejo, revezando; o Congado toca um pouco e para, depois, a Orquestra toca e para, e assim sucessivamente.

A primeira parada do cortejo foi a do almoço oferecido pela atual Rainha e Rei: uma fartura, com direito a vinho e muitos doces de sobremesa, uma fila que demorava a diminuir. Além das pessoas que acompanhavam o Congado, surgiam muitas pessoas para almoçar, e a cozinha estava sempre cheia de mulheres envolvidas com o preparo da comida e com o servir ao público, com muita animação, sorrisos e educação prestativa. Como o número de pessoas era grande, dividiram-se três equipes: duas de mulheres que serviam comida, e a outra de homens responsáveis por servir as bebidas. Não por coincidência, a

reprodução social do trabalho de gênero frente ao público faz-se presente, ainda que os homens tenham ajudado no preparo da comida.

**Figuras 12 e 13 – Mulheres na cozinha**



Fonte: autora (2016)

Depois de comer, é hora de buscar a Rainha e o Rei. O almoço foi oferecido pelo casal, entretanto, a refeição não foi realizada em sua casa, mas em um espaço de eventos. No momento de buscar os participantes em casa, o Congado chega cantando e dançando, de forma mais descontraída e animada pela rua. Quando chega à casa, entra porta adentro, mas não toda a banda: entra a guarda, cantando de uma forma mais calma, com oração e falas. Agora, a fala é mais valorizada do que a música; mesmo assim, a banda ainda atua com os instrumentos e cantos em alguns momentos deste discurso. Pegos Rainha e Rei, é montada uma estrutura de cortejo para levá-los: vão embaixo de um toldo rosa e azul carregado por seis homens, três de cada lado, que são os mordomos do toldo. Em seguida, buscou-se o Príncipe novo, houve muita emoção e choro; posteriormente, buscou-se a Princesa nova, a Rainha nova, a Princesa velha, o Príncipe velho e, por último, o Rei novo. Todos encaminham-se sob o toldo protegidos pelo Congado, cena que remete a

representação da corte portuguesa, chamando-nos atenção para os resquícios da colonização portuguesa no Brasil.

Depois de buscar toda a realeza em suas casas, seguiram até a Igreja, onde muitas pessoas já aguardavam. Ao chegar, pararam na porta, quando a banda pediu ao padre licença para entrar através da música. Logo em seguida, o padre veio à porta que foi aberta, e, através de gestos, procede a benção com água benta e incenso. O Congado entra tocando e cantando no interior da Igreja, repleta de pessoas. A bandeira de Nossa Senhora do Rosário e a Virgem Maria, carregadas pelo Congado, são colocadas no altar. Os Reis, Rainhas, Príncipes e Princesas “velhos” (do ano interior) foram para baixo de um trono azul, montado para eles no altar, e os “novos” (que assumem o reinado até a próxima festa), para um rosa. Após todos acomodarem-se em seus lugares, foi iniciada a missa, com cerca de três horas de duração. Ao final, foi feita a troca de coroas, momento em que o padre divide a condução com o Rei Congo. Após o término de toda cerimônia e encerrada a missa, é hora de levar reinado antigo e reinado novo às suas casas, e, em cada casa que se passa, oferecem-se comida, lanche, refrigerante, salgados, cachorro quente e vinho. Por último, na casa da Rainha e Rei “velhos”, oferecem-se jantar e bolo. A partilha da comida é algo muito significativo durante esse ritual, e é destacada por todas as pessoas com quem eu conversava, sejam as que organizam a festa ou as pessoas que participam dela. Comumente comenta-se, como que chamando a atenção, a fartura de comida, a qual possibilita que muitas pessoas comam, sem faltar para ninguém. Algumas pessoas que participam da festa levam sacolas que ficam cheias de comida no decorrer da comensalidade, e mostram-se felizes pela quantidade de alimento que estão levando para casa. Esta prática ocorre quando praticamente todos já foram servidos, e algumas pessoas diretamente envolvidas com todo o evento recebem esta comida como doação, que traduz a bondade e extensão da partilha.

Depois de levados Rainhas, Reis, Príncipes e Princesas, os integrantes da guarda e da banda de Congado, devidamente alimentados, retornam tocando, cantando e dançando até a casa de seu Marcos e dona Zélia, encerrando, onde começou, mais uma festa à Nossa Senhora do Rosário.

### 3. Da Prática a Teoria

Entendendo os ritos a partir da visão de Segalen (2002, p. 21) sobre Durkheim, de que os mesmos “*são antes de tudo momentos de efervescência coletiva*”, pode se perceber esta característica face à festa à Senhora do Rosário. A festa é, antes de tudo, religiosa, e a religião já é um rito coletivo, que não acontece com uma única pessoa. O padre não vai rezar uma missa se não tiver pelo menos um/a fiel para ouvi-lo, assim como o/a fiel não vai à missa se não tiver quem a celebre e com quem celebrar: a crença pode ser individual, já a religião é a união das pessoas que creem em algo em comum.

A força religiosa não é senão o sentimento que a coletividade inspira a seus membros, mas projetado fora das consciências que o experimentam e objetivado. Para se objetivar, ele se fixa num objeto que, assim, se torna sagrado;[...] (DURKHEIM, 1996, p. 238).

A festa à Nossa Senhora do Rosário reúne fiéis que estão ali para celebrá-la e agradecê-la. Muitos fiéis fazem promessas à santa no decorrer do ano, seja para curá-los de alguma doença, para conseguirem um casamento, entre outras coisas, pedem algo para si ou para um familiar próximo. Realizado o pedido, o/a fiel agradece à santa participando e ajudando na construção da festa de alguma forma, seja oferecendo uma refeição, contribuindo com dinheiro ou ajudando com o que for preciso durante a mesma. A festa acontece justamente pela organização de membros da Igreja e da comunidade como um todo que se organiza e prepara-se para celebração durante o ano inteiro.

#### 3.1 A Casa, a Rua e a Igreja

No decorrer da festa, há três categorias de lugar que são acionadas simbolicamente: a casa, a rua e a Igreja. Esse é o percurso do Congado: sai de frente à casa de seu Marcos,



que era um importante integrante da banda, mesma casa onde ocorrem os ensaios e as reuniões, vão pelas ruas até as casas das Rainhas, Princesas, Reis e Príncipes, e pelas ruas chegam até a Igreja. A forma de comportar-se em cada uma destas instâncias sócio-espaciais é diferente. Enquanto estão na rua, cantam, tocam e dançam músicas animadas; os homens das espadas chegam às casas correndo e entram dançando, mas quando chega a guarda, o ritmo muda para algo mais compassado e, vagarosamente, as falas assumem a relevância performática, mais que musical. Mesmo que depois possam voltar ao ritmo de quando estavam na rua, a chegada é diferente, o que também ocorre na chegada da Igreja. DaMatta no texto *Carnavais, Malandros e Heróis* discorre:

De fato, a categoria *rua* indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que *casa* remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares. Por outro lado, a rua implica movimento, novidade, ação, ao passo que a casa subentende harmonia e calma: local de calor (como revela a palavra de origem latina *lar*, utilizada em português para casa) e afeto. E mais, na rua se trabalha, em casa se descansa. (1979, p. 90).

Trazendo também a dicotomia entre sagrado/profano, enquanto a rua é local da bagunça e do barulho, entre outras coisas, a casa e a Igreja é o local da reza, da calma e da paz. O Congado está interligando esses locais o tempo todo, da casa para rua, da rua para Igreja, da Igreja, para rua, da rua volta para a casa, e assim ocorrendo.

Festa, por sua vez, tanto pertence ao registro do sagrado quanto ao religioso. Já “ritualismo” remete ao aspecto excessivo de um comportamento, ao excesso da cerimônia, quando ele se torna “cerimonioso”, por exemplo. (SEGALEN, 2002, p. 18)

O Congado também reza na rua e festeja na Igreja, lembrando que não há uma separação rígida entre essas dicotomias; pelo contrário, elas dialogam, e existem uma na outra, pois a oposição somente existe em relação àquilo a que ela se opõe.

Outra reflexão que se pode fazer é sobre a espacialização do distrito no dia da festa, e como é ressignificado o espaço da rua. Os circuitos giram em torno das pessoas participantes, e as ruas importantes são aquelas em que moram Rainhas, Reis, Princesas e Príncipes, sendo importante também a rua de encontro do Congado, da Igreja e a do Cruzeiro, pois esse é o circuito do dia, diferente do dia a dia.

Geralmente as ruas visitadas são aquelas onde reis, rainhas, príncipes e princesas residem, estas figuras representativas são as que pertencem ao reinado do ano anterior à festa e também da festa atual. Assim, o espaço concreto, a cidade construída em pedra e cal, passa por uma transformação. O sagrado contamina o profano. Ainda que apenas durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário os símbolos do poder e da ordem mudam de endereço. Por um breve espaço de tempo, o espaço da cidade passa a ter outra configuração. Os limites legais são rompidos e uma nova ordem é consagrada: uma ordem com base no sagrado. As ruas mais importantes não são aquelas de onde emana o poder político, mas aquelas onde residem os reis, as rainhas, os príncipes e as princesas do Congado. (SOUZA, 2014, p. 28)

### **3.2 Casa e Rua, Privado e Público**

Sobre a dicotomia da casa e da rua, pode-se pensar também na divisão sexual do trabalho. A população brasileira é historicamente socializada na ideia do homem ser o chefe de família, aquele que vai para a rua trabalhar, e a mulher ser a responsável pelos serviços do lar, da casa; enquanto o homem é ator social do público, a mulher é do privado. Isso explica o fato das mulheres serem as responsáveis pelo preparo e por servir a comida no dia da festa, enquanto os homens estão na rua; assim como explica a responsabilidade feminina no que diz respeito à novena antes da festa, enquanto cabe ao padre rezar a missa, numa hierarquia das funções.

[...] mesmo no interior da dicotomia público/doméstico, permanece uma ambigüidade, resultando diretamente das práticas e teorias patriarcais do passado, que tem sérias conseqüências práticas - especialmente para as mulheres. A divisão do trabalho entre os sexos tem sido fundamental para essa dicotomia desde seus princípios teóricos. Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. (OKIN, 2008, p. 4).

Para além das capacidades biológicas, essa divisão é pensada socialmente, uma vez que os homens têm capacidade para fazer e servir um almoço, assim como uma mulher tem

capacidade para celebrar uma missa; contudo, essa troca, normalmente, só ocorre na ausência de uma ou de outro.

As barreiras para o exercício do trabalho remunerado fora da esfera doméstica, especialmente para o acesso às oposições de maior autoridade, maior prestígio e maiores vencimentos, estão associados ao tempo que a mulher depende no trabalho, não remunerado, na esfera doméstica. Por outro lado, é esse feminino que permite que o homem seja liberado para atender a exigências profissionais que lhe permitem maior remuneração e a construção de uma carreira, assim como para usufruir o tempo livre - livre da rotina profissional, mas também das exigências da vida doméstica. (BIROLI, 2013, p. 35).

A tradição é algo tão enraizado que, por vezes, as pessoas seguem agindo da mesma forma cotidianamente sem saber explicar o porquê. Patrício de Sousa, quando fez sua monografia sobre o Congado de São José do Triunfo, relata:

As identidades de gênero que conseguimos identificar estiveram amplamente relacionadas às trajetórias de vida dos membros do grupo. Porém, quando questionados quanto às razões da presença exclusiva de homens na banda de Congado, as respostas tanto de homens quanto de mulheres remetiam à popularmente conhecida síndrome de Chicó, a nós apresentada por Ariano Suassuna: “Não sei, só sei que foi assim”. As respostas, embora por vezes até apresentassem um tom de insatisfação, sobretudo por parte de mulheres que declararam que gostariam de participar “ativamente” da banda; em sua maioria davam a entender que os participantes não sabiam dizer o porquê da exclusividade de homens no grupo, já que estes remetiam ao passado dizendo que a banda sempre houvera sido daquele jeito e que não havia sentido modificar o que sempre fora daquela forma. (SOUSA, 2008, p. 69)

Nesta pesquisa, também foi questionado, durante as entrevistas realizadas com as mulheres, o que estas pensam sobre mulheres tocarem no Congado, ao que nenhuma se mostrou contra. Uma se mostrou confusa no começo, relatando que achou esquisito quando viu à primeira vez, em um Congado, uma menina cantando e os mais velhos respondendo, por ter sido criada vendo apenas o Congado de São José do Triunfo e nunca ter visto mulheres tocando, mas que considera muito “lindo” isso acontecer. Quando questionado a seu João sobre mulheres participarem, o mesmo disse que tem gente que tem vontade e que

pode, que não é proibido, mas que eles não põem porque encontraram assim. Trazendo a questão da tradição, do conhecimento passado de geração para geração da forma que sempre foi e que tem que continuar sendo.

### 3.3 Em Família

Outra relação que se estabelece é a relação de parentesco dentro do Congado: as/os participantes lembram-nos que dão prosseguimento à cultura deixada por seus ancestrais, a qual deixarão para seus descendentes. Não restringem apenas a família, quem quiser participar pode, mas fazem questão de lembrar que é uma herança familiar.

“Isso é a nossa tradição, essa é a nossa tradição, nós não pode parar. É só quando o dia, o dia que Deus lembrar de, de cada uma dessa, mas aqui nossos avôs, nossos avôs, nosso bisavô começou, nosso avô deixou, nossos pais criou e nois ta continuando. Isso aqui, isso foi, isso é trajetória de família. E tem os outros aí enxerido que enfia no nosso meio que gostou da festa né, então vai enfiando, meteu o bedelho, gostou, e vamo embora.” (Gengibre Congado de São José do Triunfo, produção: Gengibre, Viçosa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bX8uFpPmfVQ>)<sup>1</sup>

No dia da festa, familiares que moram em outras cidades voltam a São José do Triunfo para participar, seja tocando ou assistindo. Há alguns que mobilizam toda a família, como é o caso da filha de seu João, que veio de outra cidade com o esposo, com a filha que desfilou no Reinado e o filho que participou da banda. Por ter tido uma semana de folga no trabalho, ela conseguiu chegar uns dias antes e acompanhar a novena também.

O padre, que não é o da Igreja, que exerce sua função em outra cidade, é também membro da família que compõe a Irmandade, e todo ano vem ajudar na celebração da missa, sendo ele, afinal, o responsável por ela.

---

<sup>1</sup> Gengibre foi um projeto de extensão vinculado ao Departamento de Dança da UFV, que realizou trabalhos importantes com a Irmandade Nossa Senhora do Rosário - Congado São José do Triunfo.

As pessoas envolvidas com a Irmandade relatam com muito orgulho dos congadeiros que entraram crianças e hoje têm seus filhos tocando junto com eles. Fazem questão de lembrar seus antepassados, e dar continuidade na herança deixada; praticamente todas as pessoas relatam que só deixarão de participar do Congado quando Deus levá-las.

### **3.4 Comensalidade**

A comensalidade é muito presente no decorrer da festa, um símbolo marcante a quem a constrói e a quem dela participa, traduzido nas mesas sempre fartas. Pode se refletir sobre as relações que essa comensalidade traz, como a relação social, por exemplo: quando se coloca a mesa, é um momento de partilha com todas as pessoas ali presentes, para além da necessidade biológica de alimentar-se, pois há muita comida, principalmente no encerramento da festa, quando todas as casas do trajeto oferecem-na. É um momento em que as pessoas param, comem e conversam, ali dividindo seu tempo e seus alimentos. Uma relação de origem familiar, pois, normalmente, as refeições são feitas em casa, em família; com o trabalho fora e a vida corrida, nem sempre é possível, ainda assim, é um costume reunir a família para as refeições em torno da mesa, nem que seja aos finais de semana. Não se pode esquecer também da relação de alimentação com a relação familiar de um/uma recém nascido/a, a qual, na maioria das vezes, ocorre através do leite materno. Comida, maternidade e berço tornam-se uma trilogia elementar na memória que aponta para o universo doméstico.

Outra relação que pode ser feita é uma relação religiosa católica, se lembrarmos do momento em que Jesus divide o pão com seus discípulos, na famosa representação da Santa Ceia.

## 4. Conclusão

Constatamos que o Congado mantém-se por tradição e, principalmente, por relações de parentesco consanguíneo, além de afinidade. Grupos de famílias mantêm relações de solidariedade e comprometimento através dele, marcando laços de comunidade por vínculos pautado em valores que marcam um certo modo de vida. Para o Congado, vive-se uma disciplina, em respeito e devoção a Nossa Senhora do Rosário, mantendo vivo um ciclo de ritos pertencente à tradição cristã (católica), com estética de origem afro, definindo-se sincreticamente pela própria corporalidade. Trata-se de manifestação cultural que assimila traços da cultura africana do Congo (através de povos escravizados) aos festejos de Nossa Senhora do Rosário, incorporando a história (representação) da passagem da corte portuguesa pelo Brasil. A encenação política é um ponto forte da celebração. Obviamente, devemos considerar os aspectos críticos implicados sobre a escravidão.

O que pode-se concluir com a pesquisa é que as mulheres têm papéis fundamentais na organização da festa, como na organização do Reinado, na organização e condução da novena, na arrumação da Igreja e dos adereços usados durante a festa, e na preparação das comidas. Entretanto, elas encontram-se no âmbito privado, e apenas as moças da Guarda Bandeira, as do Reinado, a Rainha Conga, as Rainhas e as Princesas festeiras vão com os homens para o âmbito público, nenhuma dessas tocando.

Na Irmandade, para além da festa, as mulheres também exercem um papel fundamental, uma vez que são elas as responsáveis pelo papel pedagógico de instruir as/os jovens sobre suas identidades, a religião e sua tradição. São elas também que fazem contato com outras cidades de onde vêm pessoas para acompanhar a festa. As mulheres também são grandes guardiãs da história da Irmandade Nossa Senhora do Rosário – Congado de São José do Triunfo. Vale ressaltar que o trabalho no âmbito privado que elas exercem é de extrema importância.

Pode-se concluir também que o fato delas não tocarem na banda não é por falta de interesse, e que não acham errado que as mulheres toquem; não tocam apenas porque essa é a tradição em que vivem.

As sociedades passam por constantes mudanças no decorrer do tempo, o que as levam às transformações sociais; na Zona da Mata Mineira, por exemplo, já há Congados em que as mulheres tocam. Também há Congados compostos só por mulheres. O que foi de uma forma ontem não vai ser, necessariamente, da mesma forma amanhã.

A presente pesquisa teve como foco a relação de gênero, contudo, há também outras relações que perpassam, como a relação de classe e a relação de raça que não podem ser esquecidas. O que pode ser libertador para algumas mulheres pode oprimir outras, como é o caso da dupla jornada de trabalho: enquanto mulheres brancas da classe média lutavam no século XX pelo direito de trabalhar fora de casa, as mulheres brancas pobres e as mulheres negras viam o trabalho, que era desvalorizado, como mais uma opressão, e não libertação.

As mulheres têm sido, cada vez mais, inseridas em espaços que lhes foram negados, a exemplo do espaço acadêmico, que traz uma grande contribuição à sociedade ao aumentar as publicações com o foco no gênero/ na mulher. Entretanto, ainda é uma dificuldade encontrar material que aborde o papel das mulheres na cultura popular.





## Referências Bibliográficas

ALVES, Vania de F. Noronha. **Os Festejos do Reinado de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte/MG: práticas simbólicas e educativas.** Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-17062008-152027/pt-br.php>

Acesso: 04, set, 2016.

BARROSO, Sandra Helena. **DEVOTOS DO DIVINO E DO ROSÁRIO DE PINHÕES/MINAS GERAIS: UNIDOS PELA FÉ?** Disponível

em: [www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15411](http://www2.pucpr.br/reol/index.php/5anptecre?dd99=pdf&dd1=15411). Acesso: 04, set, 2016.

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das Interpretações de civilizações.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora. Editora da Universidade de São Paulo, 1971 [1960]. [Introdução, cap. 7].

BIROLI, Flávia. **O Público e o Privado.** In: MIGUEL, Luis Felipe;

BIROLI, Flávia. Teoria política feminista: textos centrais. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2013.

CAETANO, Aderemi Matheus J. F. **O congado nas Festas de Nossa Senhora do Rosário: uma região cultural na Zona da Mata Mineira?** 2011. 40 f. Monografia (Departamento de Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2011.

COLLIER, Jonh Jr. **Antropologia Visual: a Fotografia Como Método de Pesquisa.** São Paulo: EDUSP, 1973. [Cap.I: O Problema da observação e a natureza da fotografia; Cap. II: Orientação e “Rapport”; Cap. IV: Fotografando a interação social; Cap VI: Entrevistando com fotografias]

COSTA, Luiz. **Alimentação e Comensalidade entre os Kanamari da Amazônia Ocidental.** Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132013000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132013000300003). Acesso em: 10, nov, 2016.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe.** Plataforma Gueto, 2013. Tradução livre. Disponível em:

<http://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/angela-davis.pdf>

Acesso em: 15, maio, 2017.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a Rua.** 5. ed. Rio de Janeiro, 1997. Disponível em:

[http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/a\\_casa\\_e\\_a\\_Rua.pdf](http://jornalismoufma.xpg.uol.com.br/arquivos/a_casa_e_a_Rua.pdf). Acesso: 31, out, 2016.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. [Introdução; Cap. II: Carnaval em Múltiplos Planos]

DELGADO, Lucilia de Almeida N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. Disponível em:

[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod\\_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/819734/mod_resource/content/1/DELGADO,%20Lucilia%20%E2%80%93%20Hist%C3%B3ria%20oral%20e%20narrativa.pdf).

Acesso em: 02,ago. 2016.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa: O sistema totêmico na Austrália**. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

FERNADES, Florestan. **A Organização Social dos Tupinambá**. São Paulo, HUCITEC, 1989[1948]. [Prefácio]

GODOLPHIM, Nuno. **DE ÁRVORES, PEDRAS E HOMENS: Singularidades da fotografia nas Ciências Sociais**. Disponível em:

<http://navi.ufsc.br/files/2010/11/Binder1.pdf>. Acesso em: 01, nov.2016.

MAGNANI, José Guilherme C. **ETNOGRAFIA COMO PRÁTICA E EXPERIÊNCIA**.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a06.pdf> . Acesso em: 16, set. 2016.

MARCELIM, Louis Hens. **A LINGUAGEM DA CASA ENTRE OS NEGROS NO RECÔNCAVO BAIANO**. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200002)

[script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131999000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200002). Acessado em: 27, out, 2016.

MEIHY, José C. S. B. **Definindo história oral e memória**. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83299>. Acesso em: 02, ago. 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1975.

OKIN, Susan. (2008) **Gênero, o Público e o Privado**. In: revista Estudos Feministas,

Florianópolis, 16(2): 440, maio-agosto/2008. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200002).  
Acesso em: 10, set. 2016

OLIVEIRA, Marcelo J. **DISTINGUINDO O ESCOPO DA ANTROPOLOGIA**. Viçosa, 2014.

PATEMAN, Carole. **Críticas feministas à dicotomia público – privado**. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Teoria política feminista: textos centrais. Vinhedo: Ed. Horizonte, 2013.

PAULA, Marise Vicente de. **RELAÇÕES DE GÊNERO NA CONGADA DE CATALÃO-GO**. Disponível em:  
[www.revistas.ufg.br/espaco/article/download/13674/9096](http://www.revistas.ufg.br/espaco/article/download/13674/9096). Acesso: 04, set, 2016.

PEREIRA, André Luiz Mendes. **Um estudo etnomusicológico do congado de Nossa Senhora do Rosário do Distrito do Rio das Mortes, São João del-Rei, MG**. Disponível em:  
[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AAGS-8P9P37/disserta\\_\\_o\\_andr\\_\\_pereira.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/AAGS-8P9P37/disserta__o_andr__pereira.pdf?sequence=1) Acesso: 04, set, 2016.

PEREIRA, Verbena L. Gênero: dilemas de um conceito. In: STREY, Marlene N.; LISBOA, Sônia T.; PREHN, Denise R. (orgs.). **Gênero e cultura: questões contemporâneas**. Porto alegre: EDIPUCRS, 2004.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. São Paulo. Ed. São Paulo, 1988.

ROVAI, Marta G. de Oliveira. **Mulheres mestres: o papel feminino na organização religiosa e na visibilidade da comunidade congadeira no sul de Minas Gerais**. Disponível em:  
[http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1463192194\\_ARQUIVO\\_MULHERESMESTRES.pdf](http://www.encontro2016.historiaoral.org.br/resources/anais/13/1463192194_ARQUIVO_MULHERESMESTRES.pdf). Acesso: 04, set, 2016.

RUBIÃO, Fernanda Pires. **Os Negros do Rosário: Memórias, Identidades e Tradições no Congado de Oliveira (1950 – 2009)**. Disponível em:  
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Os%20negros%20do%20ros%C3%A1rio.pdf>. Acesso: 04, set, 2016.

SEGALEN, Martine. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Daniel Albergaria. **Ações rituais e narrativas míticas dos Ternos de Congado em Minas Gerais: esquema festivo, relações e especificidades.** Disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402511228\\_ARQUIVO\\_AlbergariaSilva-Acaoritualenarrativasmiticas.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402511228_ARQUIVO_AlbergariaSilva-Acaoritualenarrativasmiticas.pdf). Acesso: 04, set, 2016.

SOARES, Dalva Maria; LOPES, Maria de Fátima. **A FEMINIZAÇÃO DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO.** Disponível em: [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_27\\_RBA/arquivos/grupos\\_trabalho/gt48/dms.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt48/dms.pdf). Acesso: 04, set, 2016.

SOARES, Dalva Maria; LOPES, Maria de Fátima. **GÊNERO E PODER NA TRADIÇÃO DO CONGADO EM BH, MG.** Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295301\\_ARQUIVO\\_artigoFGversoafinal.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278295301_ARQUIVO_artigoFGversoafinal.pdf). Acesso: 04, set, 2016.

SOARES, Dalva Maria. **Salve Maria(s): Mulheres na Tradição do Congado em Belo Horizonte, MG.** 2009. 114 f. Dissertação (Pós – Graduação em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2009.

SOUSA, Patrício P. Alves de. **As Geo-Grafias da Memória: Gênero e Negritude na Constituição do Lugar Festivo do Congado de São José do Triunfo, Viçosa-MG.** 2008. 97 f. Monografia (Departamento de Geografia) Universidade Federal de Viçosa, 2008.

SOUSA, Patrício P. Alves de. **Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção política nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG.** 2011. 313 f. Dissertação (Pós Graduação em Geografia) – Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, Natal Jesus de. **Geo – grafias no Tempo/Espaço: Uma abordagem Cultural Religiosa na Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo.** 2014. 40 f. Monografia (Departamento de Geografia) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

#### **Videografia:**

“Gengibre Congado de São José do Triunfo”. produção: Gengibre, Viçosa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bX8uFpPmfVQ>. Acesso em 23, ago, 2016.

## Glossário

**Capacete** – adereço utilizado pelos componentes da banda que vai na cabeça por cima do casquete. De cor rosa ou azul, com fitas coloridas.



**Casquete** – adereço, parte do uniforme utilizado pela banda de Congado, uma espécie de chapéu.



**Coroa** - Coroa utilizada pela Rainha e pelo Rei Congos



**Saiote** - adereço do uniforme da banda de Congado  
que vai por cima da roupa, de cor rosa ou azul.



**Capa** – da esquerda para a direita, capa do Rei do Meio,  
capa do Rei Congo.

